



EDWARD SAID: ANOS DE FORMAÇÃO

“Trabalho preparado para apresentação no X Seminário Discente da Pós-Graduação em Ciência Política da USP, de 09 a 13 de novembro de 2020.”

Gabriel Siracusa
Doutorando em Ciência Política (USP). Gabriel.siracusa@usp.br

Resumo e Introdução

O objetivo do texto é analisar os anos de formação de Edward Said: de seu nascimento na Palestina, em 1935, até sua ida aos EUA, em 1951, procurando identificar os principais determinantes da conformação de sua subjetividade deste período. Dividimos a análise em três partes: sua formação escolar, marcada por um caráter colonial e repressor; o autoritarismo familiar e seu insulamento com relação ao ambiente externo e o papel da arte enquanto possibilidade de resistência ao autoritarismo escolar e familiar.

Essa comunicação se insere no contexto de uma pesquisa doutoral mais ampla na qual busco investigar o lugar da política na vida e na obra de Edward Said. De maneira genérica, pode-se dizer que o objetivo de pesquisa é compreender a politização progressiva do autor no decorrer dos anos. Essa politização corresponde, grosso modo, a três períodos principais e dois momentos-chave de inflexão:

- o primeiro período vai de seu nascimento ao biênio 1967-1968, que é o primeiro momento-chave de inflexão. Trata-se de um período de formação, quando Said constrói sua subjetividade e suas primeiras referências intelectuais, em especial no campo da teoria literária. Este texto analisa a primeira parte desse momento, de 1935 a 1951, anos que Said passa no mundo árabe. A segunda parte se estende de 1951 até 1966, ano da publicação em livro de sua tese de doutorado, e compreende sua formação universitária, mestrado e doutorado. Normalmente, considera-se este período o menos político da vida de Said. Isso é verdade, se pensarmos em termos de atuação política do autor, mas seria um equívoco analítico desconsiderar que a política *atravessa* a vida de Said – e de praticamente qualquer palestino ou palestina vivo na segunda metade do século XX. Assim, gostaríamos de ressaltar aqui que a política aparece também de uma forma mais sutil: ela está presente na própria formação da subjetividade saidiana deste período, que se dá em franca oposição ao autoritarismo e elitismo da escola colonial e de sua família abastada. Existe um fio antiautoritário e antielitista que atravessa a vida e a obra de Said – o que pode soar estranho num primeiro momento, se considerarmos o *gosto* cultural de Said desconectado de sua atuação política mais ampla. Pretendemos mostrar que este fio se inicia já nesse primeiro momento;

- o segundo período vai do biênio 1967-1968 a 1991. Em geral, costuma-se apontar que a ruptura de Said com Arafat e a OLP se deu com os acordos de Oslo. Acredito que este movimento se inicia já antes, em avaliações distintas sobre a intifada e tem seu ponto crítico em 1991, com discordâncias sobre a Guerra do Golfo e a entrada no processo de paz. Em 1991, Said sai do Conselho Nacional Palestino e o afastamento subsequente tende a ser uma intensificação desse movimento anterior. Este segundo período compreende grosso modo as décadas de 70 e 80 de Said e abarca um momento de intenso ativismo político a produção intelectual. Três obras centrais sintetizam esse período: *Orientalismo* (1978), *A Questão Palestina* (1979) e *Covering Islam* (1981). Os três livros são escritos em sequência e devem ser lidos e analisados conjuntamente;
- Por fim, o terceiro período que vai de 1991 (ou 1993) até sua morte, em 2003. Este período é marcado por uma maturidade intelectual ímpar, consubstanciada em *Cultura e Imperialismo*, obra de maior envergadura teórica e alcance crítico do autor. Além disso, Said demonstra grande perspicácia política em suas análises sobre o futuro pós-Oslo e, por fim, traça algumas reflexões importantes sobre o papel do intelectual.

Como dito, neste texto nos limitamos a analisar o período que vai de seu nascimento a 1951. Ainda assim, achei importante fornecer o panorama geral da pesquisa para que o leitor possa compreender melhor o lugar desse texto na pesquisa mais ampla. Como bibliografia básica para a análise, utilizaremos o relato autobiográfico do próprio Said, cotejando-o com outras fontes bibliográficas (outras biografias e relatos jornalísticos).

Há duas camadas que precisam ser levadas em conta na análise da autobiografia de Said: a primeira é seu contexto contemporâneo em 1999, a doença que avançava, o declínio das posições defendidas junto ao movimento de libertação nacional palestino, os ataques que sofria por intelectuais organizados na extrema-direita estadunidense etc.; a segunda, é o período histórico em que se desenrolam suas memórias, ou seja, o período histórico que vai de seu nascimento, em 1935, até meados da década de 1960, quando termina seu doutorado e publica sua primeira obra. Aqui, nos ocuparemos unicamente do segundo aspecto, que corresponde à experiência vivida do autor e que gostaríamos de examinar em seus delineamentos principais. Sem deixar de reconhecer que uma análise

completa desse período teria de levar em consideração fatos históricos mais amplos, por limites de tempo e espaço nos concentraremos exclusivamente nos principais fatos e momentos da vida de Said.

Nosso objetivo principal será compreender os principais condicionantes da formação inicial de Said: o autoritarismo familiar e o contexto colonial de sua juventude e formação. Propomos como hipótese que a política permanece presente nos anos de formação de Said, ainda que, por vezes, de forma silenciosa – por exemplo, na proibição de falar o árabe em sala de aula, ou na impossibilidade de retornar a Jerusalém após 1948: fatos políticos que determinam a formação de subjetividade do autor, embora não tenham tido um tratamento explicitamente político na época.

Além disso, sugerimos que a política aparece, novamente, na difícil construção da identidade que Said descreve nesses anos: em geral, contra o autoritarismo familiar e escolar, mas sem um rumo definido, sem um conteúdo positivo claro. Pode-se dizer que a subjetividade saidiana se constitui de forma negativa e permanece um amálgama de correntes por vezes contraditórias¹. Acredito que este amálgama permanece sem solução durante toda sua vida. Porém, o antiautoritarismo deste período será elaborado na forma de um esforço consciente de conceber uma forma de conhecimento, de apreensão do mundo e de autoexpressão que não sejam dominadores ou coercitivos, esforço este que atravessa os anos de formação do jovem Said e apontam para o futuro, em sua atividade docente e em seu ativismo político. Acredito que esta é a estrutura significativa que permite compreender sua obra, sua atuação política e sua forma de se colocar no mundo.

Anos de Formação: mundo árabe (1935-1951)

Visão Geral

Nascido em 1935, em Jerusalém², quando a Palestina se encontrava sob domínio britânico, Edward Wadie Said passou os anos de sua infância e juventude no mundo árabe, entre o Egito e a Palestina, com alguns momentos no Líbano³. Embora tenha

¹ “Mantive por toda a vida essa vaga sensação de muitas identidades – em geral em conflito umas com as outras” (SAID, 2004 [1999], p. 22)

² “Embora morassem no Cairo em 1935, meus pais tomaram providências para que eu nascesse em Jerusalém, por razões que foram declaradas com bastante frequência durante minha infância” (SAID, 2004 [1999], p. 43).

³ “Até 1947, nossas intermitentes temporadas na Palestina eram inteiramente familiares – isto é, não fazíamos nada como uma família isolada, mas sempre com outros membros do clã mais amplo” (SAID, 2004 [1999], p. 43-44) e “Depois de 1943 começamos a passar todos os verões naquela lúgubre aldeia libanesa na montanha [...]” (SAID, 2004 [1999], p. 54).

nascido na Palestina, naqueles anos seus pais já haviam se estabelecido no Egito⁴, onde Said passa a maior parte deste período.

Sua família era considerada *shami*⁵ pelos egípcios, devido a sua origem palestina⁶, e jamais se integrou plenamente à sociedade local. Além disso, a nacionalidade estadunidense de seu pai e seus prósperos negócios o ligavam muito mais ao capital internacionalizado e à burguesia local que compartilhava desses vínculos internacionais, do que com a sociedade egípcia mais ampla, da pequena burguesia aos trabalhadores. A condição de família rica e com laços internacionais passou a ser um problema em especial após a revolução nasserista de 1952, mas nunca chegou a ser determinante a ponto de impossibilitar a residência no local. Após 1948, com a criação do Estado de Israel e a subsequente perseguição aos árabes que residiam no território, a família de Said deixa de frequentar a casa de parentes na Palestina e a parte da família que ali residia teve de deixar definitivamente seu país natal e se dirigir para o exílio⁷.

A sensação de “estar fora do lugar” foi determinante para a conformação da visão de mundo do “jovem” Said e ela decorre principalmente de dois contextos muito marcados: o familiar e o escolar, ambos atravessados pela situação de domínio colonial e pela condição de estrangeiro de sua família, em especial no pós-48, quando não havia mais uma “casa” para onde retornar. Durante esses primeiros anos, Said se viu enredado em uma rígida rotina de estudos e atividades extracurriculares, que buscavam “isolá-lo” do mundo exterior e lhe deixavam pouco tempo para cultivar lazeres próprios:

[...] dos nove aos quinze anos, estive constantemente envolvido em terapias particulares depois da escola ou nos fins de semana: aulas de piano, ginástica, escola dominical, aulas de equitação, boxe, mais os

⁴ Said explica em sua autobiografia os motivos que levaram seus pais a planejar seu nascimento em Jerusalém. Em poucas palavras, sua mãe havia perdido o primeiro filho e seus pais acreditavam que o parto em Jerusalém seria mais confiável para garantir que o segundo filho nascesse com vida.

⁵ Adjetivo usado por egípcios para descrever tanto alguém de língua árabe que não seja egípcio, quanto alguém proveniente da “Grande Síria”: Síria, Líbano, Palestina e Jordânia.

⁶ Seu pai veio de uma família anglicana convencional de classe média de Jerusalém. Com o tempo, prosperou nos negócios, tornando-se um empresário bem-sucedido – afirma-se que sua empresa chegou a se tornar a maior do Oriente Médio no ramo, nos anos 1950 (EAKIN, 1999). A mãe de Said era de uma família meio libanesa, meio palestina, também de classe média, mas com inclinações mais artísticas. Filha de um pastor batista, ela cresceu em Nazaré (SMITH, 1989; KENNEDY, 2000, p. 4).

⁷ “Minha família imediata estava completamente insulada pela riqueza e segurança do Cairo, onde estávamos vivendo. Então, na primavera [hemisfério norte] de 1948, logo após o massacre de Deir Yassin, a irmã de meu pai e sua família apareceram, vindos de Jerusalém, claramente agitados e perturbados com o que eles haviam deixado para trás e incertos sobre o futuro; a maior parte da família da minha mãe se mudou de lugares como Jaffa e Safad para a Cisjordânia; posteriormente, eles se mudaram para Amman” (SAID, 1999 [1986], p. 115-116).

enlouquecedores rigores dos verões implacavelmente regulamentados em Dhour el Shweir. (SAID, 2004 [1999], p. 54)

A arte – em especial a literatura e a música, mas também o teatro e o cinema – será determinante neste período, conforme veremos à frente, como válvula de escape para a extenuante rotina de Said e como forma de conectá-lo a sentimentos e valores mais elevados. A política quase não aparece de forma explícita, mas permeia todos os principais aspectos de sua vida durante esses anos. Delineiam-se, assim, os três aspectos a serem analisados neste trabalho: a formação escolar, o autoritarismo familiar e a arte como saída; assim como o ponto de vista que orienta nossa investigação, o da política.

Formação escolar

De maneira geral, o período inicial da vida de Said foi marcado por uma “sensação predominante” de “sempre estar fora do lugar” (SAID, 2004 [1999], p. 19), de ser um forasteiro, condição esta que atravessa também sua formação escolar: Said estudou em escolas inglesas ou americanas, onde os professores eram em sua maioria estrangeiros e a maior parte dos alunos já estavam ali quando Said chegava e permaneciam ali quando ele saía.

O currículo ensinado era anglocêntrico e colonizado, voltado para a metrópole e não para as necessidades da região: a língua principal era o inglês⁸ (em algumas escolas, como a *Gezira Preparatory School* e o *Victoria College*, o árabe era proibido), as disciplinas faziam referência a situações e contextos metropolitanos, a história ensinada era a inglesa, assim como as principais datas, as principais figuras, os principais relevos etc.; havia em geral uma postura de superioridade dos professores para com os alunos, em especial quando estes eram nativos, ou de países da região, e esse sentimento aparecia conjugado com uma aparente necessidade de incutir nos alunos o *desejo* de se tornarem ingleses ou americanos (SAID, 2004 [1999], p. 69-70 *et passim*).

O objetivo principal dessa educação era o de formar uma elite colonial ligada a valores metropolitanos. Diante disso, pode-se dizer que a formação de Said se dá no embate com esse modelo educacional artificial e deslocado. Sua subjetividade questionadora se constrói no sentido de apontar o vazio do conhecimento transmitido: “nossas aulas e livros eram desconcertantemente ingleses: [...]. O mundo deles fazia

⁸ “A cisão básica da minha vida era entre o árabe, minha língua nativa, e o inglês, a língua da minha educação e subsequente expressão como intelectual e professor [...]” (SAID, 2004 [1999], p. 14-15)

pouco sentido para mim [...]. As aulas sobre a glória inglesa eram intercaladas com exercícios repetitivos de escrita, aritmética e recitação” (SAID, 2004 [1999], p. 69).

A construção de sua identidade acontece na identificação com outros alunos *wogs*⁹ contra os professores ingleses, que tratavam os alunos mestiços com autoritarismo e desdém: “Entre nós e eles, alunos e professores, existia um abismo intransponível. Pelo corpo docente importado da Inglaterra éramos vistos ou como uma tarefa desagradável ou como um grupo de delinquentes a ser punidos a cada novo dia” (SAID, 2004 [1999], p. 266, 272).

Ao mesmo tempo, sua formação será atravessada pela sensação de não pertencimento, de ser forasteiro e pela insegurança por não se encaixar nos padrões estabelecidos pela escola colonial. Esta condição de alheamento atravessa suas memórias do início ao fim. Ela foi marcante, por exemplo, no período que Said estudou na *Gezira Preparatory School*¹⁰, entre 1941 e 1942 e depois, de 1943 a 1946. Nesses anos, não teve nenhum professor egípcio e nem notou a presença de árabes muçulmanos na escola. A maior parte dos alunos era de filhos e filhas de funcionários britânicos: “à minha volta toda, estavam Greenilles, Coopers e Pilleys: inglesinhos e inglesinhas engomados, com nomes invejavelmente autênticos, olhos azuis e pronúncia cristalina, definitiva” (SAID, 2004 [1999], p. 69). A diretora da escola desprezava os alunos mestiços (SAID, 2004 [1999], p. 68).

Said buscou amenizar a sensação de não pertencimento tentando se assemelhar, na medida do possível, a seus colegas estrangeiros, como relata em sua experiência junto aos escoteiros: “Orgulhava-me particularmente desse ritual de lealdade, uma vez que ele me colocava de maneira explícita, pela primeira vez, numa posição de igual para igual com os garotos ingleses [...]” (SAID, 2004 [1999], p. 82). Mas as tentativas de “ser como eles” eram sempre fracassadas e a ausência de um lugar onde se sentir em casa o acompanhou por toda a vida.

Neste período, Said também trava contato com formas de violência colonial mais explícitas e diretas do que a ausência de vínculos afetivos na escola, o currículo colonizado e a imposição do inglês como língua única: a primeira delas, a punição física

⁹ Termo britânico, de conotação geralmente pejorativa, usado para designar estrangeiros ‘não brancos’, especialmente os nativos do Oriente Médio e do Sudeste Asiático

¹⁰ Adiante, utilizaremos a sigla GPS.

experimentada pela primeira vez na GPS e que ficou em sua memória durante toda sua vida (SAID, 2004 [1999], p. 73, 76); a segunda, o encontro com um funcionário inglês do Gezira Club, que se dirige a ele, inferiorizando-o, enquanto árabe: ‘Não seja insolente, garoto. Simplesmente dê o fora, e seja rápido. Árabes não são permitidos aqui, e você é um árabe!’. Ser identificado inequivocamente como árabe e, neste processo, ser posto num lugar de outro inferiorizado foi marcante para Said: “Se eu nunca antes havia pensado em mim como árabe, agora apreendia diretamente o significado da designação como uma verdadeira mutilação” (SAID, 2004 [1999], p. 76).

O episódio racista e, principalmente, a ausência de resposta ou de protesto de sua parte na época seguiu incomodando o intelectual palestino cinquenta anos depois:

[...] e embora ele seja tão doloroso agora como na época, parecia existir um pacto fatalista entre meu pai e eu sobre nosso status necessariamente inferior. [...], nenhum de nós o via então como algo que justificasse uma briga qualquer, e a consciência disso me envergonha até hoje. (SAID, 2004 [1999], p. 77)

Em resumo, a GPS foi a “primeira experiência de um sistema organizado estabelecido como negócio colonial pelos britânicos” (SAID, 2004 [1999], p. 74), o primeiro contato prolongado com a autoridade colonial, que se manifestava no caráter inglês de seus professores e da maioria dos alunos. As crianças inglesas com que Said mantinha contato na escola lhe apareciam neste momento como modelo do que era “certo”, do que devia ser seguido. A “terra natal” a que se fazia referência nas aulas não era o Egito e, muito menos, a Palestina, mas a Inglaterra: “no sentido mais profundo a ‘terra natal’ era algo do qual eu estava excluído” (SAID, 2004 [1999], p. 74).

À GPS, se seguiu a Escola Americana do Cairo¹¹, onde Said estudou em 1946 e, novamente, entre 1948 e 1949. A escola fora fundada no fim da 2ª Guerra, para acomodar os filhos dos funcionários americanos que iam para o Egito trabalhar no setor de petróleo, na diplomacia ou no comércio e é um dos sinais da transição de hegemonia que se operava na região: dos britânicos para os estadunidenses, “o velho império dando lugar ao novo” (SAID, 2004 [1999], p. 127-129).

A sensação de não pertencimento não melhorou, embora Said fosse, ao menos em termos formais, tão americano quanto qualquer outro garoto da escola, já que seu pai havia ganhado a nacionalidade estadunidense quando lutou junto ao exército dos EUA na

¹¹ Em seguida, CSAC.

1ª Guerra Mundial e ele a havia herdado. A condição de garoto americano, porém, apenas fez reforçar sua sensação de estar “errado e fora do lugar”, já que ele era em tudo diferente das outras crianças. Essas haviam nascido nos EUA, se identificavam com os gostos e costumes do país, eram brancas, compartilhavam memórias afetivas de lugares que haviam visitado em sua infância etc. “A sensação geral que eu tinha da minha problemática identidade era a de um americano dentro do qual espreitava outra identidade, árabe, da qual eu não extraía força nenhuma, apenas embaraço e desconforto. [...] todos podiam ser eles mesmos, não tinham nada a esconder, não tinham nenhum personagem americano para representar” (SAID, 2004 [1999], p. 140).

Assim, durante este período Said fez de tudo para se passar por um deles, vestir a máscara branca, como diria Fanon. O árabe seguiu sendo uma língua problemática, pois embora permitida pela administração escolar, o domínio que Said tinha da língua entregaria, ainda mais, sua condição de não-americano-como-os-demais. Essa situação bizarra lhe afastava ainda mais de seus colegas e o isolava: Said “não se sentia nem um pouco americano” (SAID, 2004 [1999], p. 126). Mais: sentia vergonha “[...] pelo fato de, sendo uma criança americana, comer uma comida diferente, que nunca ninguém quis experimentar ou tampouco me pediu para explicar” (SAID, 2004 [1999], p. 127). “Supostamente eu estava entre iguais na CSAC, mas descobri que minha sina ali era ser ainda mais estrangeiro do que havia sido na GPS” (SAID, 2004 [1999], p. 137).

Embora o sistema educacional americano fosse mais informal e menos rígido que o britânico, o que, Said observa, era um reflexo da própria postura distinta que os estadunidenses usariam para atuar na região, em linhas gerais o sentido colonial da educação recebida não mudara. Se por um lado este era um modelo mais propício para crianças em formação, por outro a ausência de regras claras e de linhas definidas de autoridades tinha seu lado ruim, já que deixavam os estudantes mais fracos à mercê dos maiores: “[...] os estudantes do sexo masculino eram extremamente brutos entre si, já que os garotos eram bem grandes e queriam usar sua força uns contra os outros em disputas de poder e território” (SAID, 2004 [1999], p. 133).

Diferentemente da GPS, onde não havia nenhuma chance de uma briga durar mais que dez segundos antes de ser apartada por vários professores, a CSAC adotava uma filosofia radicalmente diferente, que era a de proporcionar um espaço autorizado para as lutas e outras maneiras de gastar o excesso de energia

juvenil. Não me lembro de um único momento de paz durante a hora do lanche, nem de um momento agradável de camaradagem. (SAID, 2004 [1999], p. 138)

Uma experiência diferente das anteriores foi a que Said teve em 1947, ano que sua família passa em Jerusalém e ele estuda na escola anglicana *St. George*. Trata-se do primeiro momento em que Said pôde cultivar uma relação mais profunda com o lugar, diferente da condição que tinha nas escolas do Cairo, onde era “apenas um forasteiro pagante” (SAID, 2004 [1999], p. 165). Ali, pôde se sentir à vontade já que “[...] pela primeira e última vez em minha vida escolar eu estava entre meninos iguais a mim. Quase todos os alunos de minha classe eram conhecidos de minha família; [...]” (SAID, 2004 [1999], p. 166).

Curiosamente, em sua breve passagem pela *St George*, enquanto o ambiente escolar passou a ser mais afetivo, o ambiente externo encontrava-se em processo de desintegração: Said havia acabado de fazer 12 anos e precisava apresentar um passe aos soldados britânicos que patrulhavam as ruas para poder ir à escola. Em geral, os soldados, “nervosos [...] junto às barricadas de arame farpado” procediam à revista de forma violenta: “seus inamistosos olhos estrangeiros me observando como uma possível fonte de problemas” (SAID, 2004 [1999], p. 167-168).

Depois de retornar ao Egito, diante da iminência do fim do mandato britânico e da crescente judaização da Palestina e, especialmente, de Jerusalém, Said passa mais um ano na CSAC, até se mudar para o *Victoria College*, colégio interno conhecido por seu elitismo¹² (VEESER, 2010, p. 63-64) onde Said ficará os últimos dois anos que passou no mundo árabe. A escola havia sido pensada para ser uma “Eton do Oriente Médio”, uma escola preparatória de elite, internacionalizada, voltada para formar as classes dirigentes do Egito, então sob jugo colonial informal¹³ (SAID, 2004 [1999], p. 266). Os alunos eram vistos como integrantes de uma elite colonial, que estava sendo formada nos moldes de um imperialismo britânico em franca decadência. Novamente, o currículo era totalmente britânico:

Aprendíamos sobre a vida e as letras inglesas, a monarquia e o Parlamento, a Índia e a África, hábitos e idiomas que nunca poderíamos adotar no Egito ou,

¹² O objetivo das instituições escolares que Said frequentou – marcadas por seu elitismo e pelo currículo inglês – era transformar crianças árabes ricas em cavalheiros ingleses (SCOTT, 1998).

¹³ O Egito era formalmente um país independente desde a desintegração do Império Otomano, em 1918. Na prática, porém, a Inglaterra mantinha tropas e bases na região, além de controlar diversos serviços essenciais, como os correios, a polícia, as ferrovias, os portos etc.

aliás, em parte alguma. Ser e falar árabe eram atividades delituosas no VC, e conseqüentemente nunca recebíamos instrução adequada sobre nossa própria língua, história, cultura e geografia. Éramos examinados como se fôssemos rapazes ingleses, rastejando em busca de uma meta mal definida e sempre inalcançável, aula após aula, ano após ano, com nossos pais dando duro por nós. (SAID, 2004 [1999], p. 274-275)

No *Victoria College*, pela primeira vez Said se viu parte de um grupo que ensaiou uma insubordinação com relação ao domínio autoritário dentro da sala de aula. Como havia uma grande diversidade de alunos, em sua maioria *wogs*, em contraste com o corpo docente homogeneamente britânico, o cenário para o conflito estava formado. O sentimento predominante era animosidade geral entre alunos e professores, que eram vistos como “cruéis, impessoais e autoritários ingleses”. A cisão entre colonizado e colonizador, entre nativo e invasor, assumia a forma do embate aluno x professor.

O *Manual da Escola* rotulava os alunos de nativos e afirmava: ‘O inglês é a língua da escola. Quem for pego falando outras línguas será punido com rigor’. Diante disso, o árabe tornou-se o idioma da resistência, uma forma de escapar ao “mundo de senhores (*masters*)¹⁴, inspetores cúmplices e rapazes anglicizados mais velhos que nos dominavam para impor a hierarquia e suas regras” (SAID, 2004 [1999], p. 272). É impossível ler as páginas da autobiografia de Said sobre este período e não ver um posicionamento político anticolonial em gestação, embora ainda difuso e incoerente. O VC, seus professores e diretores, representavam uma autoridade britânica já em decadência, contestada, enfraquecida. Ainda assim, Said seguia sendo obrigado a “estudar sua língua e sua cultura como as que dominavam o Egito” (SAID, 2004 [1999], p. 275).

Novamente neste período, como na GPS, Said irá enfrentar uma situação degradante de punição física, comandada por J. G. E. Price, diretor da escola e “encarnação da autoridade colonial em declínio [...], cuja floresta de iniciais simbolizava uma afetação de pedigree e auto-importância que desde então sempre associei aos britânicos” (SAID, 2004 [1999], p. 275). Interessante notar que, no momento do açoite, Price delega a tarefa a seu subordinado, um nativo obediente, que “fazia o que lhe mandavam com neutra eficiência, com o calado diretor em pé ao lado, balançando a cabeça afirmativamente a cada golpe” (SAID, 2004 [1999], p. 277). A simbologia das lembranças evocadas por Said é surpreendente.

¹⁴ Traduzido por “professores” na edição brasileira.

Em geral, o sentimento de Said nesses anos foi de desorientação e confusão diante de uma escola que não lhe despertava interesse intelectual, de uma língua opressiva, de conhecimentos que diziam respeito ao mundo metropolitano (SAID, 2004 [1999], p. 278-279). Por outro lado, foi nesse período final de sua formação no mundo árabe que Said conseguiu se mover com maior desenvoltura entre os vários grupos sociais da escola, os garotos egípcios que falavam árabe, os francófonos em sua maioria judeus etc., conseguindo construir pontes e relações menos superficiais das que havia estabelecido em escolas anteriores, como a CSAC e a GPS (SAID, 2004 [1999], p. 281).

Autoritarismo familiar

O outro componente essencial da conformação da subjetividade de Said desse período é o autoritarismo e a superproteção familiar. Seu pai, protótipo do capitalista moderno em um mundo colonial, construiu um império de materiais de papelaria, máquinas de escrever, produtos de escritório em geral. Seu negócio prosperou e auxiliou na própria modernização da burocracia egípcia:

Depois da guerra, meu pai começou a viajar regularmente para os vários escritórios e fábricas de seus clientes, fornecedores e associados. Ele sempre buscava e obtinha representação exclusiva, de maneira a poder vender esses produtos para outros comerciantes e clientes como representante local. Na época em que deixei o Egito, seu negócio de equipamentos de escritório e artigos de papelaria era o maior do Oriente Médio. (SAID, 2004 [1999], p. 142)

Seu pai possuía grande tino para os negócios, uma pensamento sistemático e uma capacidade organizatória exemplar. Tinha disposição para assumir riscos visando à obtenção de lucros de longo prazo, contatos no exterior e era um

brilhante explorador da propaganda e das relações públicas, e mais que tudo uma espécie de organizador e formatador dos interesses comerciais de seus clientes, propiciando-lhes primeiro uma articulação de suas necessidades e objetivos, e depois os produtos e serviços necessários para satisfazê-los. (SAID, 2004 [1999], p. 146)

Nesse sentido, pelo próprio caráter da empresa construída por seu pai e dos vínculos estabelecidos com o exterior, pode-se dizer que a família de Said fazia parte de uma minúscula alta burguesia árabe, profundamente internacionalizada e ligada ao capital europeu e estadunidense. É impossível desconectar essa condição financeira favorável à ausência de preocupações econômicas, em especial em um mundo onde essa ausência é

um privilégio raro, em geral associado ao estrangeiro, e onde a grande massa da população nativa vivia em situação de relativa pobreza e, em alguns casos, franca miséria. Tal ausência e a condição abastada de sua família terão importância capital na maneira de viver, agir, pensar e sentir de seus membros e, por extensão, do próprio Said, o qual deixa claro em diversas passagens de sua autobiografia como o pai foi peça essencial para financiar seus estudos e sua vida até que ele pudesse se sustentar sozinho, já como professor em Columbia.

O pai de Said possuía uma grande identificação com os EUA em geral, seus valores e sua cultura. Ele considerava-se mais americano que palestino: “[...] sempre afirmou que os Estados Unidos eram seu país, e quando divergíamos violentamente a respeito do Vietnã, ele se aferrava confortavelmente à frase: ‘Meu país, certo ou errado’” (SAID, 2004 [1999], p. 29).

Essa condição de burguesia internacionalizada e estrangeira gerou uma vida à parte para sua família, completamente desconectada da sociedade mais ampla do Cairo: “Apesar de sua riqueza, o círculo de conhecidos e amigos estava confinado praticamente a vários agregados e a umas poucas pessoas com as quais mantinham relações profissionais [...]” (SAID, 2004 [1999], p. 147).

Nesse contexto, era preocupação primordial de seus pais manter os filhos isolados do mundo nativo que os cercava, construindo um verdadeiro paraíso, uma ilha num mundo repleto de miséria e violência. Para isso, criavam uma rotina estrita, com horários rígido, tarefas extracurriculares e compromissos aparentemente sem propósito, deixando-lhe “nenhum momento para o ócio ou a reflexão” (SAID, 2004 [1999], p. 160). Havia uma distância grande entre o “mundo urbano nativo e o subúrbio colonial planejado onde morávamos, estudávamos e brincávamos” (SAID, 2004 [1999], p. 70). Sua família levava uma vida à parte, deslocada e desconectada do contexto mais geral, o qual, inclusive, poucas vezes aparece em suas memórias.

A sequência rígida de atividades, cujo objetivo era mantê-lo ocupado e distante de uma vida mais prosaica, marcou profundamente a relação de Said com o tempo: “no início da adolescência eu estava completamente sob o domínio – ao mesmo tempo prazeroso e desagradável – da passagem do tempo como uma série de horários-limites, experiência que permaneceu comigo desde então” (SAID, 2004 [1999], p. 161) ou ainda, “meu relógio

fornecia o motivo básico subjacente a tudo isso, uma espécie de disciplina impessoal que de alguma maneira mantinha o sistema em ordem” (SAID, 2004 [1999], p. 162).

Os efeitos dessa reclusão forçada só puderam ser corretamente apreendidos por ele anos mais tarde:

Até deixar o Egito, em 1951, eu tomava por certo que minha reclusão era (de um modo extremamente impreciso) ‘boa’ para mim. Só mais tarde me ocorreu que o tipo de disciplina que meus pais conceberam para mim implicava que eu visse nossa vida e nossa casa como a norma, e não como o que certamente eram: algo fantasticamente isolado e quase experimental. (SAID, 2004 [1999], p. 68)

Sua família tinha como quadro de referências ideal a família europeia e procurava se transformar em uma, o que dá um tom marcadamente artificial ao arranjo construído:

“[...] uma família determinada a fazer de si própria uma imitação de um pequeno grupo europeu, a despeito dos ambientes egípcios e árabes que só são percebidos ocasionalmente quando um camelo, um jardineiro, um criado, uma palmeira, uma pirâmide ou um motorista de turbante [...]” (SAID, 2004 [1999], p. 120).

O círculo frequentado por seus pais era estreito, pois a camada social a que eles pertenciam é, por definição, minúscula:

Fora da escola nossa vida era de um luxo e uma excentricidade excessivos e inconvenientes. Todas as famílias próximas de nós tinham suas próprias equipes de motoristas, jardineiros, empregadas domésticas, lavadeiras e um tintureiro, alguns dos quais eram conhecidos de todos. ‘Nosso’ Ahmed, o Hassan dos Dirlik, o Mohammed dos Fahoum, todos eram quase talismânicos; apareciam em nossa conversa como artigos de nossa dieta cotidiana, como o jardim ou a casa, dando a impressão de ser propriedade nossa, como os velhos servos da família nos livros de Tolstoi. Fomos educados a não ter uma relação demasiado íntima com os criados, o que significava não conversar nem brincar com eles, [...]. (SAID, 2004 [1999], p. 291)

A língua novamente aparece como símbolo de distinção social. Por exemplo, quando iam ao restaurante de elite a língua escolhida para se comunicar era o francês, embora todos fossem falantes de árabe e a comunicação fosse mais fácil se tivessem permanecido com ele. A atmosfera social dos ambientes que frequentavam era abertamente colonizada e ditava que o francês conferia ao falante um status mais elevado.

Neste momento, Said nota que “as três línguas tornaram-se um assunto bastante sensível para mim [...]. O árabe era proibido e *wog*, o francês era sempre ‘deles’, não meu; o inglês era autorizado, mas inaceitável, por ser a língua dos odiados britânicos” (SAID, 2004 [1999], p. 292).

Havia mesmo uma alienação com relação ao árabe, um afastamento, como se falar árabe fosse algo a ser evitado a qualquer custo, pois diminuiria o status da família. No clube de elite que frequentavam, “[...] o árabe só era falado pelos atormentados e superexplorados funcionários” (SAID, 2004 [1999], p. 293).

Pode-se dizer que este estilo de vida totalmente desconectado do entorno estava condenado à extinção:

Éramos todos *shawam*, anfíbias criaturas levantinas cuja desorientação essencial estava momentaneamente suspensa por uma espécie de esquecimento, uma espécie de devaneio, que incluía jantares festivos de cardápio sofisticado, idas a restaurantes da moda, ópera, balé e concertos. No final dos anos 40 já não éramos apenas *shawam*, mas *khawagat*, o título respeitoso reservado a estrangeiros que, do modo como era usado pelos egípcios muçulmanos, carregava sempre um matiz de hostilidade. Apesar do fato de eu falar como um egípcio nativo (e me achar parecido com um), alguma coisa parecia me denunciar. Eu me aborrecia com a ideia de ser estrangeiro de algum modo, embora no fundo soubesse que para eles era isso o que eu era, mesmo sendo um árabe. (SAID, 2004 [1999], p. 288)

Said se irritava com a designação de *khawagat* e o mais interessante disso é o motivo que aponta para tal irritação: seu “crescente sentimento de identidade palestina (graças a tia Nabiha) recusava o rótulo depreciativo, e em parte porque quem o recusava era minha emergente consciência de mim mesmo como algo muito mais complexo e autêntico que um simulacro colonial” (SAID, 2004 [1999], p. 288-289). De certa forma, se na seção anterior vimos que Said se colocava contra o autoritarismo escolar e a educação colonial, aqui também parece que havia ao menos uma *disposição* para ir contra o modo de vida escolhido por sua família.

Cultura e arte como saídas

Por fim, gostaríamos de chamar atenção para as inúmeras passagens em suas memórias em que Said ressalta o lugar da arte em sua formação, em especial como válvula de escape do autoritarismo familiar e das condições repressivas encontradas na escola. O

que queremos enfatizar aqui é justamente a ênfase valorativa positiva que Said emprega quando analisa o lugar da arte em seus anos de formação. Neste período, seu horizonte cultural está profundamente marcado pelos valores e padrões do mundo europeu, mas estes não figuram como dominação exterior – como na educação escolar –, mas como possibilidade de fuga, ainda que limitada, de uma rotina disciplinar estrita imposta pelo par família/escola.

Por meio da arte, da música, da literatura, do teatro etc., Said foi construindo o que ele chama em diversas passagens do livro de um “segundo eu”, um eu interior, mais profundo, sensível e crítico, diferente do “eu superficial”, construído com base nas expectativas de sua família e de seus professores, o qual geralmente Said chama de “Edward” no livro. Este “eu superficial” ou “aparente”, foi moldado de acordo com as circunstâncias de submissão à autoridade paterna ou à dominação colonial na escola. Acredito que é esse “segundo eu”, que foi crescendo aos poucos, sempre contrário ao autoritarismo familiar e escolar, e que foi fomentado pelo contato com a arte, que será a determinante para o intelectual e ativista que Said irá se tornar no futuro.

Said se refere a esse “eu interior” de diversas formas no livro. Em determinado momento, por exemplo, ele fala da muito

marcada cisão entre ‘Edward’ [...], meu eu público e exterior, e as metamorfoses indefinidas, irresponsáveis, fantasiosas e turbulentas de minha vida privada, interior. Posteriormente, as erupções de meu eu interior se tornariam não apenas mais frequentes como também menos passíveis de controle. (SAID, 2004 [1999], p. 206-207)

Esse nível mais profundo de percepção era composto de

“[...] partes maravilhosas e inter-relacionadas – partes de ideias, passagens literárias e musicais, memória pessoal, observação cotidiana –, nutridas não pelo ‘Edward’ que minha família, os professores e mentores contribuíram para construir, mas por meu eu interior, íntimo e muito menos submisso, um eu que podia ler, pensar e mesmo escrever de modo independente de ‘Edward’. Por ‘complexidade’ quero dizer uma espécie de reflexão e autorreflexão que tinha uma coerência própria, apesar de minha inabilidade, durante alguns anos, para articular esse processo” (SAID, 2004 [1999], p. 246).

No âmbito familiar, desenvolviam-se relações de dominação e resistência, por meio das quais o “Edward” superficial era intimidado e tiranizado e seu “eu interior” permanecia escondido, aguardando sua vez e buscando meios próprios de escapar à

atitude autoritária e controladora de seu pai (SAID, 2004 [1999], p. 382). Em diversas passagens que trata da sensação de desconforto ou desagrado na escola, Said observa que procurava minimizá-las recorrendo a atividades de cunho intelectual ou artístico, que pudessem desenvolver este “eu interior” (SAID, 2004 [1999], p. 359-360).

A cultura que fomentou esse outro eu – em combinação com uma postura ética de enfrentamento ao que via como situações de flagrante injustiça, como os casos acima narrados de punição física na escola, ou do funcionário que o expulsou do clube por ser árabe – é, para todos os efeitos, europeia. A marca da cultura europeia atravessa a vida de Said, a começar por seu nome, Edward, “ridiculamente inglês” (SAID, 2004 [1999], p. 19). Ela aparece em sua infância, por exemplo, em brincadeiras – Said fingia ser Robinson Crusoe e Tarzan –, em suas leituras infantis – histórias bíblicas e livros ilustrados de mitos gregos – e nos filmes – em geral, de aventuras, ao estilo *As mil e uma noites* e *Tarzã* (SAID, 2004 [1999], p. 62 *et passim*):

Era muito estranho, mas eu não me dava conta de que, no cinema, Aladim, Ali Babá e Simbad, cujos gênios camaradas de Bagdá e sultões eu incorporava completamente nas fantasias que contrapunha às lições da escola, todos tinham sotaque americano, não falavam nada de árabe e comiam comidas misteriosas [...] que eu nunca conseguir decifrar direito. (SAID, 2004 [1999], p. 63)

O Cairo de sua juventude era uma metrópole internacional, marcada em sua dimensão cultural por uma qualidade distintamente europeia: “Sempre senti que eu estava a vários graus de distância do que havia de mais excitante na cidade, embora fosse zelosamente grato pelo que conseguia aproveitar dela, geralmente sob a rubrica de ‘arte’” (SAID, 2004 [1999], p. 151).

Em outro momento, tratando de uma ocasião em que narrou os mitos gregos que havia lido para colegas da escola, Said afirma que

[...] experimentei pela primeira vez as alegrias do virtuosismo e do sentimento de libertação que me eram negadas pelas aulas de francês, inglês e história, nas quais eu parecia ser tão fraco. A fluência e a concentração que eu tinha ao narrar e refletir sobre essas histórias me propiciavam um prazer único, que eu não podia obter em nenhum outro lugar no Cairo. (SAID, 2004 [1999], p. 64).

Por meio da literatura, Said conseguia imaginar para si outros personagens, menos reprimidos física e moralmente, menos sujeitos às críticas da família e dos professores:

[...] o texto impresso significava para mim uma rara combinação de expressão – no estilo e no conteúdo – rigidez absoluta e integridade de aparência. Passando de mão em mão, de um lugar a outro, através dos tempos, eu poderia continuar sendo meu verdadeiro eu (na condição de livro) mesmo que fosse atirado para fora de um carro ou perdido no fundo de uma gaveta. (SAID, 2004 [1999], p. 121)

Enquanto seu pai representava uma fonte de estabilidade financeira e um autoritarismo dominador, sua mãe era por vezes uma via de escape por meio da qual a arte entrava em sua vida: “por meio dela [de sua mãe] sentia-me encorajado naquilo que nosso ambiente no Cairo não fazia nem ideia, especialmente livros e música que me levavam muito além das inócuas prescrições da escola e também da esvoaçante trivialidade de nossa vida social”. Foi ela que lhe deu alguns romances russos para ler, romances onde Said descobriu “um mundo turbulento mas no fim das contas autossuficiente, um baluarte contra as aflições da realidade cotidiana”. Por meio da literatura, Said conseguia elaborar conflitos familiares e inseguranças decorrentes de conflitos sociais aos quais seus pais não o preparavam para lidar (SAID, 2004 [1999], p. 325). Entre ele e sua mãe, sobrevivia um acordo tácito que o encorajava “em música, literatura, arte e experiência, apesar das tolas tarefas e dos clichês reducionistas [...]” (SAID, 2004 [1999], p. 244).

Com o tempo, a complexidade das análises e relações que Said fazia a partir de suas leituras ia crescendo:

Aos poucos, encontrei maneiras de tomar emprestados livros de vários conhecidos, e no meio da minha adolescência me percebia fazendo conexões entre livros e ideias disparatados com considerável desenvoltura, refletindo, por exemplo, sobre o papel da metrópole em Dostoiévski e Balzac, estabelecendo analogias entre personagens diversos (agiotas, criminosos, estudantes) que encontrava nos livros de que gostava e comparando-os com indivíduos que eu conhecera em Dhour ou no Cairo. Meu maior dom era a memória, que me permitia recordar visualmente passagens inteiras dos livros, vê-las de novo na página e então manipular cenas e personagens, dando-lhes uma vida imaginária fora das páginas do livro. (SAID, 2004 [1999], p. 245)

Porém, acredito que o campo artístico que mais marcou Said em sua juventude foi a música – muito mais do que a literatura, inesperadamente. A julgar por suas preferências de juventude, Said teria se tornado um musicólogo. As referências são várias e atravessam todo o período aqui analisado. Ele ouvia música clássica na rádio: “[...] meu maior prazer

era o programa de 45 minutos *Noites na ópera*, da BBC, nas tardes de domingo”. Lia sobre música e, aos poucos, foi definindo seus gostos: “[...] descobri bem cedo que não gostava de Verdi e Puccini, mas amava o pouco que conhecia de Strauss e Wagner [...]” (SAID, 2004 [1999], p. 64).

A música marcou profundamente sua relação com sua mãe: “Ouvíamos as sinfonias de Beethoven, particularmente a Nona, que se tornou a composição mais significativa para nós” (SAID, 2004 [1999], p. 326). Também representava uma rota de fuga da “insuportável rotina diária” (SAID, 2004 [1999], p. 341). Em diversos momentos da obra, Said ressalta a importância do campo para sua formação: “o grande salto para mim ocorreu na música [...]” (SAID, 2004 [1999], p. 341) e como, progressivamente, ela ia ganhando um lugar cada vez mais importante em sua vida: “Logo a música se tornou um saber e uma experiência que me consumiam por inteiro: eu ouvia, tocava e lia sobre ela sistematicamente [...] pela primeira vez na vida e não parei desde então” (SAID, 2004 [1999], p. 342).

A música era [...] um mundo imensamente rico e aleatoriamente organizado de sons e imagens magníficos, que compreendiam não apenas o que eu ouvia, mas também versões adornadas dos instantâneos e retratos encontrados no *Livro completo da ópera*, de Gustav Kobbé, e no *Noites na ópera*, de Ernest Newman, ambos presentes na biblioteca de meus pais, combinadas com cenas imaginadas, nascidas dos sons produzidos pelas performances das orquestras que aprendi a apreciar com as transmissões de rádio. (SAID, 2004 [1999], p. 149)

As referências positivas à música clássica abundam e permeiam o livro como um todo. Em contrapartida, a referência à música que não seja clássica é em geral negativa:

“[...] uma penosa noite no Cinema Diana, em que assistimos a um concerto da cantora Om Kulthum que só começou às nove e meia e terminou bem depois da meia-noite, sem nenhum intervalo, num estilo de canto que considerei terrivelmente monótono em sua interminável melancolia e luto desesperado, como se fossem os gemidos e as lamúrias de alguém sofrendo de um extremo e duradouro acesso de cólica” (SAID, 2004 [1999], p. 152-153).

Said tinha grande predileção por Beethoven: “Mais do que qualquer outro compositor, foi Beethoven quem deu consistência a minha autoeducação musical” (SAID, 2004 [1999], p. 154). Com relação aos intérpretes e regentes, a figura que mais sobressaía era a de Furtwängler. Said relata da seguinte forma uma apresentação a que assistiu “Essa

foi a performance musical soberana dos meus primeiros 22 anos de vida. Impacto comparável só ocorreria em 1958, quando ouvi os compassos iniciais de *O ouro do Reno* elevarem-se do poço negro de Bayreuth” (SAID, 2004 [1999], p. 156).

A figura [...] de Furtwängler, [...], causava em mim a melhor impressão: ali estava um ascético músico de outro mundo, cuja figura simbolizava para mim a transfiguração que uma música como a de Beethoven necessariamente exigia. Impressionava-me o fato de que, ao contrário do desenvolto Krauss, Furtwängler, mais do que reger [...], punha a música em movimento com seus ombros e braços desajeitadamente longos. (SAID, 2004 [1999], p. 158)

Aliado ao fascínio pela técnica e desenvoltura de Furtwängler, veio a frustração por querer conhecer mais sobre o alemão e não conseguir:

Meus esforços posteriores para aprender mais a respeito de Furtwängler foram totalmente frustrados [...]. Não havia nenhum círculo germânico no Cairo do pós-guerra que pudesse rivalizar com instituições culturais dos triunfantes britânicos, franceses ou americanos. [...] A guerra tinha acabado, claro, mas nenhuma documentação sobre o que havia acontecido *dentro* da Alemanha (onde Furtwängler figurava de modo tão proeminente) era acessível. (SAID, 2004 [1999], p. 159)

Said não deixa de acrescentar a importância que dava à explicação da atuação de Furtwängler durante o regime nazista, demonstrando que, para ele, não bastava a virtuosidade técnica se esta se apresentasse desvinculada da questão da moralidade. “[Não encontrava] nada que explicasse por que ele foi uma figura tão controversa depois da guerra ou por que a questão da moralidade e da colaboração o impactou tão decisivamente (*had so powerful a bearing on him*)¹⁵” (SAID, 2004 [1999], p. 160).

Bibliografia

EAKIN, Emily. “Look Homeward, Edward”. *New York Magazine*, September, 27, 1999

KENNEDY, Valerie. *Edward Said: A Critical Introduction*. Cambridge: Polity Press, 2000

¹⁵ Mais do que “ter um significado para ele”, a questão de ter colaborado em alguma medida com o regime nazista impactava a avaliação das pessoas sobre seu trabalho e sobre o significado de sua obra. Portanto, optamos por modificar ligeiramente a tradução feita por José Geraldo para enfatizar este aspecto.

SAYURI, Juliana. “As reticências de Mariam”. In: *O Estado de São Paulo*, 09 de abril de 2016

SCOTT, Janny. “A Palestinian Confronts Time”. In: *New York Times*, September 19, 1998

SMITH, Dinitia. “Arafat’s Man in New York: The Divided Life of Columbia Professor Edward Said”. *New York Magazine*, jan. 23 1989

_____. *Out of Place: a memoir*. New York: Knopf, 1999a

SAID, Edward. “Preface to the 1999 Edition”. In: *After the last Sky: Palestinian lives*. Photogr. By Jean Mohr. New York: Pantheon Books, 1999b

_____. *Fora do Lugar*. Trad. José Geraldo Couto. São Paulo: Companhia das Letras, 2004 [1999]

VEESER, H. Aram. *Edward Said: The Charisma of Criticism*. New York/London: Routledge, 2010